

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA

SVEN NYKVIST – O CULTO DA LUZ VIVA

3 e 5 de Janeiro de 2022

CELEBRITY / 1998 (Celebriedades)

Um filme de Woody Allen

Realização e Argumento: Woody Allen / Director de Fotografia (35 mm, preto e branco): Sven Nykvist / Direcção Artística: Tom Warren / Guarda-roupa: Suzy Benzinger / Cenografia: Susan Kaufman / Montagem: Susan E. Morse / Som: Marlena Grzaslewicz / Coordenação Musical: Carmel Malin; música de Beethoven, Wagner e Gershwin; canções de Dana Suesse, Victor Schertzinger, Michael Moon, Walter Donaldson, etc. / Intérpretes: Kenneth Branagh (Lee Simon), Judy Davis (Robin Simon), Winona Ryder (Nola), Joe Mantegna (Tony Gardella), Charlize Theron (Supermodelo), Leonardo DiCaprio (Brandon Darrow), Melanie Griffith (Nicole Oliver).

Produção: Sweetland Films, Magnolia Productions; distribuído por Miramax / Produtores: Jean Doumanian, Richard Brick / Cópia: da Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema, 35mm, colorida, versão original legendada em português, 114 minutos / Estreia Mundial: Festival de Veneza, 10 de Setembro de 1998 / Estreia em Portugal: 19 de Fevereiro de 1999.

O tema do escritor que se divide entre o trabalho criativo e o seu desenquadramento com a realidade é constante na obra de Woody Allen, e um veículo de exploração de muitos outros conceitos e enigmas que determinam o seu existencialismo neurótico. **Celebrity** não foge à regra, e faz ressonância com a extensa mitologia própria do realizador. Esta variação apresenta Lee Simon, um jornalista e aspirante a escritor e argumentista, que, acomodado com o fracasso dos seus primeiros livros, tenta cortar caminho e forçar a sua entrada no mundo da fama e do estrelato. É uma espécie de inversão de **Stardust Memories** (relação que é reiterada na cinematografia em preto e branco), no qual Woody Allen se confronta com a falta de sentido nas relações amorosas que desenvolve com as suas fãs, enquanto que Lee Simon enquadra-se mais no lugar do fã, disposto a destruir facilmente a sua integridade criativa para conseguir ter uma estrela que lhe facilite a entrada no mundo do cinema. Todavia, este tema encontra a sua grande questão estrutural, ainda que subtilmente, no seu predecessor mais imediato, **Deconstructing Harry**, na medida em que estabelece a sua procura de sentido na relação entre o mundo real e o do artista no seu contexto, entre a realidade da sociedade e fantasia solitária, e por vezes muito pouco ética, da criatividade.

É curiosa a escolha de Woody Allen, de ficar fora de campo neste filme, dando lugar a Kenneth Branagh. O ator foi, aliás alvo das maiores críticas ao filme, a de fazer uma interpretação "sem substância" de Woody Allen, ainda que o realizador tenha afirmado que essa particularidade não foi tema de conversa entre os dois. Todavia, embora Branagh exprima explicitamente alguns dos trejeitos mais ansiosos da linguagem vocal e corporal de Allen, apresenta poucos ou nenhuns sinais do seu neuroticismo, uma diferença relevante em relação aos filmes anteriores. Se em **Deconstructing Harry** Woody encarna um escritor que procura encontrar

sentido para a vida e para o seu bloqueio de escrita numa fantasia em que evoca personagens do seu mundo criativo, em **Celebrity** Branagh incorre num mundo em “piloto automático”, que embala o protagonista e o destitui dessa capacidade de consciência crítica tão própria de Allen, para derramar o seu sentido e o seu humor nas personagens que lhe são exteriores e nos acontecimentos que ditam o fracasso da sua redenção. A sua fantasia segue, neste caso, as regras do próprio mundo que percorre, o das celebridades, da leviandade sexual e dos desejos fúteis que se sobrepõem sempre ao seu trabalho real e às aspirações criativas com que se debate. Desde as atrizes que conhece e tenta seduzir, a Leonardo DiCaprio e as críticas destrutivas que faz ao seu argumento, ou a Bonnie, com quem mantém a única relação minimamente positiva ao longo do filme e que o motiva a recomeçar a escrita do seu livro, todos parecem tomar parte da sua consciência reprimida, e tudo o que lhe acontece segue a direção indeterminada e insegura dos seus desejos, a um ponto em que não se percebe se Lee pertence à realidade, ou se é esta realidade que integra a triste e incerta fantasia do protagonista. O contacto com a fantasia torna-se apenas, e brevemente, explícito no seu encontro final com Nola (Winona Ryder), mulher que Branagh ficcionaliza e afirma ter criado numa associação às personagens femininas dos seus livros. Mas neste caso, ao contrário de **Deconstructing Harry**, esta ficcionalização não o aproxima nunca do encontro com a sua consciência, mas de um novo fracasso, e mesmo da destruição do seu trabalho.

O contraponto surge na única pessoa de quem ele se liberta, a ex-mulher, Robin. Interpretada por Judy Davis, é ela quem retoma o carácter neurótico mais próprio dos filmes de Woody Allen, à imagem do que acontece também nas impressionantes performances que faz em **Deconstructing Harry** e **Husbands and Wives**. Mas é a leveza da sua inocência e da indiferença para com a fama que sobressai e que motiva a transformação, à medida que, guiada pelo amor que desenvolve com o produtor de televisão Tony Gardella (Joe Mantegna), descobre a felicidade ao mesmo tempo que se torna apresentadora de televisão, trabalho que outrora admitira desprezar. Se podemos dizer que todas as personagens se concentram em Woody Allen, então aqui o realizador desvia o foco da importância da criação artística para a simplicidade dos pormenores relacionais e para as pequenas felicidades da vida. **Celebrity** é, em última instância, um filme sobre as circunstâncias do amor romântico e do amor próprio. Conclui quando Lee reencontra Robin no cinema, acompanhada pelo produtor Tony Gardella. O seu conselho a Lee firma a realidade de ambos: “*when it comes to love, it's luck*”. A questão da sorte, boa e má, é suscitada ao longo de todo o filme em estreita ligação com os diferentes desejos de Lee e de Robin, e é o elemento que dá sentido ao último plano do filme, que, de modo tão desolador como humorístico, acaba tal como começa: um avião que escreve no céu a palavra *HELP*.

É, também, de referir que este foi o último filme no qual Sven Nykvist director de fotografia reconhecido pelas suas colaborações com Ingmar Bergman, trabalhou, pouco antes de lhe ser diagnosticada uma afasia que iria ditar o fim da sua carreira. Consta que nesta altura o director de fotografia perdera grande parte da sua visão, e que as suas decisões quanto à cinematografia teriam sido feitas a partir da descrição de cada plano feita por Woody Allen, episódio que poderá ter originado a personificação do personagem do realizador cego de **Hollywood Ending**, de 2002.

Manuel João Montenegro